

## INTRODUÇÃO

Na zona rural nordestina - e acredito que o mesmo aconteça no Norte e no Centro-Oeste brasileiros quase ninguém diz árvore, palavra usada somente por pessoas elitizadas que alisaram os bancos das escolas ou universidades. O nome certo, que todos falam, mesmo, é pau. O homem do interior chama um "pé de milho", um "pé de feijão", um "pé de banana", um "pé de jaca", um "pé de coco". Os mais sabidos, por força do contato com pessoas outras e da televisão, para esnobar ou demonstrar que sabem ler e escrever, é que falam uma "bananeira" (um "pé de banana"), uma jaqueira (um "pé de jaca"), um coqueiro (um "pé de coco") e assim por diante. E quando não sabem se o pé é pé de que, dizem "pé de pau".

Vamos encontrar na literatura brasileira, tanto na de ontem como na de hoje, o registro da expressão interiorana pé de pau. Gustavo Barroso (1) escreveu: "Paramos à sombra de um pé de pau". José Américo de Almeida (2), por sua vez, registrou a expressão, assim: "Vivo nesses sovacos de serra. Já remexi todo esse mato. Não há pé de pau que eu não tenha dormido embaixo". Guimarães Rosa (3) também fez uso da locução: "Trape por meu cavalo - que achei - pulei em mal assento, nem sei em que rompe tempo desatei o cabresto de amarrado em pé de pau. Graciliano Ramos (4), que tão bem soube retratar a aridez da terra e da gente do Nordeste e também um dos maiores clássicos da ficção nacional, consignou essa expressão popular, contando: "Viviam de trouxa arrumada bem debaixo de um pau". Seria um eterno nunca acabar caso continuássemos a demonstrar como os escritores do Nordeste, do Norte e do Centro-Oeste registraram, no passado e no presente, o vocábulo pau e a expressão popular pé de pau.

E mato? Quando é que o nosso rurícola usa a palavra mato nas conversas dos alpendres, nas bodegas, nas feiras, na fala do dia-a-dia? Geralmente mato é vegetação rasteira quando falam: - "José pegou a enxada e foi limpar mato no roçado". Mato é mata, floresta: - "Fugido da polícia, Joaquim se internou no mato, onde passou a viver e a dormir até que as coisas melhorassem". Mato também significa grande quantidade, abundância de qualquer coisa: - "Gente era mato na festa da padroeira". - Mato ainda é vocábulo usado quando não se quer mais alguma coisa e se joga fora: - "Não queria mais os sapatos que estavam muito velhos e jogou-os no mato".

É assim que pau, pé de pau e mato vivem na boca do povo da zona rural.

Mas o pau não participa somente da linguagem popular de algumas regiões brasileiras, conforme as trezentas e cinquenta e tantas expressões populares, provérbios, etc., que consegui arrolar nesta pesquisa. O pau também participa, de maneira invulgar, da vida não somente do homem do interior como até mesmo do homem que habita os grandes centros populacionais. E mencionar todas essas serventias seria mais do que impossível, dada a sua importância no dia-a-dia de todos nós.

Do pau é feita a casa onde moramos e passamos a maior parte de nossas vidas; a cama, onde fomos gerados; o berço, onde dormimos os primeiros sonos, os móveis, as carteiras escolares, o quadro-negro, o lápis e a régua - quando aprendemos as primeiras letras nas escolas e colégios e quando estudamos, nas universidades, para aprender um ganha-pão, o cabo das ferramentas e instrumentos de trabalho, a lenha que cozinha os nossos alimentos, as fogueiras que tanto alegam as noites de São João, as pernas-de-pau e tantos outros brinquedos da infância distante. De pau é feito o nosso caixão fúnebre quando viajamos para a Eternidade.

Sem a ajuda do pau não existiria o lápis, o papel. E este livro não teria sido publicado.

Esta pesquisa procurou, na medida do possível, abrir um caminho que pudesse conduzir um investigador social mais jovem no sentido de fazer um trabalho mais demorado, com mais profundidade, sobre a presença do vocábulo pau na língua portuguesa falada em Portugal, no Brasil, na Ilha da Madeira e em Moçambique. Gostaria que o trabalho tivesse mais amplitude, um campo de ação mais abrangente e uma análise mais a cargo de um pesquisador em assuntos lingüísticos do que a curiosidade e a vontade de fazer as coisas da parte de um etnógrafo numa especialidade que, a rigor, quase não lhe diz respeito. Esta pesquisa foi apenas um abrir de vereda e através dela os versados em assuntos lingüísticos poderão analisar sob óticas diversas, a invenção, o tempo de uso, a morte e até mesmo a ressurreição de expressões populares que, depois de algum tempo de criadas na boca do povo, mergulham no esquecimento, no desuso e, tempos depois, ressurgem com o mesmo significado, como aconteceu com - somente para exemplificar - a locução mexer-com-os-pauzinhos, que, usada por Afrânio Peixoto em 1929, andou hibernando por algum tempo e que agora, sessenta e quatro anos depois, por força das transformações políticas acontecidas no país, voltou à tona, usada pela revista Veja, de São Paulo, conforme poderá ser verificado no seu verbete.

Outras expressões populares não conseguiram ganhar, por seu regionalismo, uma ambiência nacional e, se conseguiram, morreram algum tempo depois para dar lugar a uma substituta, como no caso de se dizer que uma pessoa era pau, maçante, usada ainda hoje por pessoas de mais idade que não aceitaram a expressão ser chato.

Como a língua é feita pelo povo, cada dia que passa novas expressões populares são criadas pela inventiva popular, com o mesmo destino de permanecer ou mergulhar por algum tempo, para, em seguida, reaparecer ou desaparecer definitivamente. É que geralmente muitas expressões populares têm a vida da geração durante a qual elas foram criadas, postas em circulação. As pessoas de determinada geração quando morrem levam consigo o falar de sua época, ficando, apenas, as que foram registradas em livros, revistas e jornais.

Tenho absoluta certeza de que fiz a minha parte, dando minha contribuição, desbravando o assunto, abrindo a vereda, fazendo com que o caminho a ser percorrido fique mais fácil.

Mário Souto Maior  
Março, 1993

## BIBLIOGRAFIA

1. BARROSO, Gustavo. Alma sertaneja. Rio de Janeiro, 1923, p. 157.
2. ALMEIDA, José Américo de. Coiteiros. IN: TR\_S novelas de José Américo de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Leitura SA/Ministério da Educação e Cultura, 1971, p. 93.
3. ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965, p. 18.
4. RAMOS. Graciliano. Vidas secas. 24. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, p. 59.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *Geografia vocabular do pau através da língua portuguesa*. Recife : 20.20 Comunicação e editora, 1994, 131p.